

A CRÍTICA INCIPIENTE E DESPRETENSIOSA DE MURILO MENDES EM CARTAS PARA GUILHERMINO CESAR

THE INCIPIENT AND DESPRETENTIOUS CRITICISM BY MURILO MENDES ON LETTERS TO GUILHERMINO CESAR

Luciano Rodolfo¹

lucianorodolfo@hotmail.com

Resumo: Neste artigo, analisamos alguns trechos da correspondência inédita de Murilo Mendes enviada a Guilhermino Cesar no final dos anos 1920. São postos em relevo alguns temas recorrentes nas missivas, sobretudo aqueles que tratam do cotidiano do poeta mineiro no estado do Rio de Janeiro, bem como as críticas substantivas, incipientes e quase que despretensiosas que Murilo propunha em suas cartas seja sobre os textos que Guilhermino Cesar lhe enviava, seja sobre a obra de coetâneos seus como, por exemplo, Mário de Andrade.

Palavras-chave: Murilo Mendes. Cartas. Crítica.

Abstract: In this article we analyze fragments from some Murilo Mendes' unpublished letters, which were sent to Guilhermino Cesar in the late 1920s. Some recurring themes are pointed out in those letters, especially those dealing with the daily routine of that poet from Minas Gerais in the State of Rio de Janeiro. We expose, as well, the substantial, incipient and almost unpretentious criticism proposed by Murilo in his letters, either about the texts sent by Guilhermino Cesar to him, or about the work of his countrymen, for instance, Mario de Andrade's work.

Key words: Murilo Mendes. Letters. Criticism.

1 As cartas – motivos e conteúdo

No final dos anos vinte e início dos trinta, mais especificamente entre os anos 1928 e 1931, o poeta Murilo Mendes (1901-1975) manteve correspondência ativa com o também poeta e jornalista Guilhermino Cesar (1908-1993). Trata-se de um conjunto inédito de 13 missivas nas quais o poeta juiz-de-forano, autor do livro “Poemas” (1930), versa sobre os mais variados temas. Mas, a despeito do ineditismo dos documentos e do imenso valor biográfico, histórico, social e cultural que alcança, há também, neste arcabouço documental, um número considerável de poemas (65), a grande maioria inédita até hoje, remetidos em

¹ Doutorando em Literatura Comparada pela UFRGS

folhas à parte juntamente com a correspondência, ou mesmo escritos no verso das próprias missivas.

As cartas de Murilo Mendes caracterizam-se por certa brevidade, isto é, algumas não são muito extensas, lembrando meros bilhetes de pouca comunicação; outras, porém, são de maior fôlego, escritas com mais vagar e com maior riqueza de observações. O conteúdo das cartas é diverso e passa pelo cotidiano, pelas relações particulares e amorosas do poeta, bem como por questões de estética, crítica literária, produção poética etc.

À época do início da correspondência, Murilo Mendes contava 27 anos, já não morava mais no estado de Minas Gerais e trabalhava no Banco Mercantil no Rio de Janeiro. Aliás, desde 1920, Murilo residia no Rio levado pelo irmão José Joaquim para trabalhar como arquivista do Ministério da Fazenda. Era uma nova tentativa da família e, sobretudo, do pai de Murilo, Onofre Mendes, de encaminhar o filho nas lides do trabalho formal. Essa primeira viagem marca o início de uma experiência cosmopolita e multicultural que perpassaria toda a trajetória poética e existencial de Murilo Mendes. Era o início de um trânsito intenso, de um fluxo cuja movimentação não cessaria tão cedo no âmago do poeta, do “peregrino europeu de Juiz de Fora”, como bem disse Drummond.

Mas se a viagem do poeta “em regime de noviciado ou aprendizagem” se apresentava para a família como uma boa perspectiva de futuro, para Murilo Mendes, no entanto, sua transferência para o Rio de Janeiro não era motivo de euforia nem de alegria somente. Na crônica publicada em 18 de dezembro de 1920, por exemplo, no jornal “A Tarde”, de Juiz de Fora, Murilo noticia a sua partida aos seus leitores. Veja-se que o poeta prognostica de forma visionária uma de suas características mais peculiares, aquela que, sem dúvida, o acompanharia por toda a sua vida, isto é, a sua condição de peregrino nato.

Leitor ilustre... Estás de parabéns, vou te deixar. Vou ver outras paisagens; a minha alma, tão nova – e já tão velha – vai viver numa cidade maior, cidade onde os cenários são de legenda e de sonho. Talvez que eu volte em breve: talvez que eu nunca volte, embalado pela nostalgia infinita de outras terras, onde mais intensamente se vive, e se sofre, e se ama... (SILVA, 2004, p. 179).

A tonalidade da crônica está mesclada com certo deboche e com um quê de modesto humor e guarda, sob o relevo da primeira leitura, um discurso que antecipa em muito as vicissitudes que o poeta enfrentaria no Rio de Janeiro. Murilo Mendes sabia de há muito, por exemplo, que seu caminho era a poesia; o trabalho burocrático, longe de ser um prazer, causava em Murilo uma profunda claustrofobia, uma sensação de não pertencimento, além, é

claro, de uma grande tristeza. Para o poeta, seu trabalho único não poderia ser outro além do trabalho de poetar.

É possível supor que a impossibilidade de um trabalho mais sistemático em relação à sua poesia provocava uma profunda insatisfação existencial no poeta, servindo, muitas vezes, no entanto, de vetor para a sua produção poética. Efetivamente Murilo se valia de suas experiências, bem como de seu dia a dia no Rio de Janeiro para a produção de suas poesias. Nesse sentido, vejamos o poema “Modinha do Empregado de Banco” (MENDES, 1994, p. 95):

Eu sou triste como um prático de farmácia
sou quase tão triste como um homem que usa costeletas.
Passo o dia inteiro pensando nuns carinhos de mulher
mas só ouço o tectec das máquinas de escrever.
.....
E os fregueses do Banco
que não fazem nada com estes contos!
Chocam outros contos pra não fazerem nada com eles.
Também se o Diretor tivesse a minha imaginação
O Banco já não existiria mais
E eu estaria noutro lugar

No poema, fica explícito o grande desgosto do poeta em relação ao seu momento profissional e à sua rotina laboral, bem como deixa entrever uma crítica sutil e polida, porém muito mordaz, ao acúmulo de capital obsessivo em detrimento do fazer poético aparentemente impossibilitado pela faina angustiante do poeta. O poema também estabelece uma dicotomia melancólica entre dois índices adverbiais de referencial antagônico, isto é, um “lá” representativo de um mundo ideal e imaginoso, no qual supostamente há o prazer possível, e um “cá” elíptico, que caracteriza o desgosto profundo do poeta.

O aborrecimento e até a contrariedade demonstrados por Murilo em sua poesia ficam extremamente claros quando pensamos na vida do poeta por meio dos relatos muito pitorescos que nos chegam. Sobre este tema, Laís Corrêa de Araújo apresenta uma anedota muriliana muito peculiar, de um escárnio que beira à genialidade e que, em grande medida, dá certa dimensão a respeito da personalidade subversiva e não ortodoxa do poeta de Juiz de Fora. Segundo a autora,

Conta-se que, chegando habitualmente para trabalhar e instalando-se em sua mesa sem fazer nenhum cumprimento ao diretor, os colegas acabam insistindo em que deve dirigir-se respeitosamente ao patrão. Murilo Mendes passa então a entrar diariamente fazendo um grande gesto teatral de retirar o chapéu e curvando o corpo magro e comprido diante do cofre-forte do Banco... que considerava o seu verdadeiro patrão. (ARAÚJO, 2000, p. 14).

A atenção aos emblemas presentes no papel das cartas de Murilo também é fundamental, para que possamos situar espacialmente o poeta no contexto da sua produção epistolar destinada a Guilhermino Cesar. Em suma, esses mínimos elementos são índices biográficos que podem esclarecer pontos obscuros da vida do autor de “Poemas”, corroborar alguns apontamentos já referenciados em outros trabalhos, ou mesmo estabelecer um cotejo entre os elementos e as temáticas inerentes à própria poesia do poeta.

Podemos perceber, entretanto, que dentre os diversos temas presentes nas cartas há alguns que são preponderantes e recorrentes na produção epistolar muriliana da época. Além de informar a Guilhermino Cesar o noticioso acerca do seu dia a dia, tanto no Rio de Janeiro quanto em Pitangui, Murilo Mendes permeia suas cartas de um discurso peticionário e insistente, no sentido de fazer com que sua produção poética viesse a lume no jornal Estado de Minas, jornal em que Guilhermino era o responsável pela seção literária. Nesse sentido, é o próprio Murilo quem se autoproclama, na carta de 18 de dezembro de 1930, “o colaborador do Estado de Minas”. Mais; as tintas irônicas e humorísticas do discurso muriliano são postas em relevo quando o poeta chama sua produção poética de “mercadorias”, por exemplo, na carta de 1 de fevereiro de 1931, dando assim um caráter um tanto quanto desimportante, mundano e meramente comercial às suas poesias.

Um assunto muito presente nas missivas de Murilo Mendes é o seu cotidiano no estado carioca. As cartas do poeta são eivadas de relatos de situações pitorescas e prosaicas, no que tange aos dias de estada nessas “outras terras”. Mas antes de ser apenas um punhado de notas aparentemente desimportantes das ações corriqueiras do poeta, esse tipo de narração presente nos textos epistolares revela muito além do que poderíamos imaginar. O poeta sobreleva, por exemplo, o caráter idiossincrático de suas relações amorosas. A figura feminina, tema tão recorrente na poética muriliana, é presença marcante nas cartas que o poeta enviou a Guilhermino Cesar. Murilo desde sempre fora um apaixonado pelas mulheres; o poeta era uma espécie de Giacomo Casanova mineiro, e suas cartas dão conta de uma série de relacionamentos seus, sejam aqueles mais efêmeros ou os mais duradouros, tanto no estado carioca quanto em Pitangui. Nesse sentido, a carta de 18 dezembro de 1930 traz um excelente exemplo do quão intensos e agitados eram os relacionamentos amorosos do poeta:

Guilhermino,
Como vai o Bar do Ponto²?

² Local de encontro dos intelectuais da época.

Tenho 2 namoradas__uma é Decroli (no namoro)__outra, não. Que pena não poder casar com as duas. As dimensões atrapalham a gente. Só abstraindo o tempo e o espaço³.

Além disso, as cartas de Murilo são compostas por uma diversidade discursiva composicional que oscila entre o sarcástico-irônico e o jocoso-interrogativo, mas não só isso. O autor revela ainda uma intensa produção poética e, embora tenha vivido somente nos bastidores do modernismo brasileiro, fala de sua correspondência com ícones das novas estéticas, como Mário de Andrade e Antonio Alcântara Machado, por exemplo. Aliás, sobre a sua relação com os modernos, bem como sobre seu conhecimento acerca do próprio movimento modernista, Murilo Mendes rememora e nos fala ao responder à carta com perguntas de Laís Corrêa de Araújo, de 7 de novembro de 1969:

Em 1922 eu já me achava no Rio, para onde me transferira em 1920. Acompanhei com interesse e simpatia o movimento modernista; mas não aderi publicamente, visto me considerar em regime de “noviciado” ou aprendizagem. Era contra o hábito brasileiro de aparecer cedo demais na cena literária, tanto assim que publiquei meu primeiro livro nos arredores dos 30 anos (sic), e isto, por grande insistência do meu pai. Mas, cedendo a convites de amigos, já havia colaborado em revistas literárias: “Boletim de Ariel”, “Movimento Brasileiro”, “Terra Roxa e outras terras” etc. Davame muito bem com os principais líderes modernistas. Segui, desde o fim da adolescência, as manifestações a da cultura moderna, através de livros, revistas, discos, filmes etc., europeus e brasileiros. (ARAÚJO, 2000, p. 197).

Além de demonstrar como se davam as relações existentes entre os incipientes poetas que despontavam no cenário mineiro, a análise da correspondência de Murilo Mendes enviada, por exemplo, a Drummond revela um momento um tanto quanto crítico da vida do autor de “*Poemas*”. Após deixar o Banco Mercantil, Murilo Mendes vive momentos de escassez e restrição financeira. Desempregado, Murilo pede por carta a Drummond, então oficial de gabinete da Secretaria do Interior e Justiça de Minas Gerais, que interceda em seu favor, no sentido de fazer chegar às mãos do secretário Gustavo Capanema outra carta sua, com um pedido de emprego. Na carta de 16 de junho de 1932, Murilo pede ao autor de “Alguma poesia”:

Contando com sua benevolência venho mais uma vez te chatear. Peço-te encaminhares a carta junto do Capanema, pois receio que se perca na papelada da Secretaria, e desconheço o endereço particular dele. Muito obrigado por teres encaminhado à Secretaria da Educação o meu pedido. Poderás ver pela carta ao Capanema que não me sinto à vontade para aceitar a cadeira de português; mas preciso do pistolão dele pra outro lugar, pois, como deves saber pelo Aníbal, estou há três anos no desvio. Talvez possas me dar uma indicação. (GUIMARÃES, 1993, p. 51).

³ Premissas essencialistas.

As vicissitudes e os reveses que a vida impunha ao poeta mineiro parecem, de fato, forçar, desde sempre, Murilo pelas veredas da melancolia e do desprendimento à própria vida, como bem o demonstra sua poesia. A tonalidade agônica não se estabelece e se efetiva tão somente no nível da lírica, em prol das angústias do eu-poético que busca, no constante jogo tensional de forças que se repelem, atraem-se e complementam-se, uma síntese para suas demandas. O sujeito-empírico não se furta à necessidade candente de reflexão a respeito de sua própria condição. Em carta datada de 2 de maio de 1931 – a última, aliás, enviada a Guilhermino Cesar, que faz parte do *corpus* do qual este ensaio advém – Murilo Mendes dá conta de suas (des)esperanças frente à vida e estabelece uma dicotomia, por assim dizer, fatal que associa amor e morte no mesmo discurso. Chama ainda a atenção o trecho da carta no qual o poeta explicita uma relação direta entre uma possível paz e um inevitável vazio no qual a mesma o lançaria. Levando-se em conta que um dos traços mais significativos da personalidade do poeta era a inquietude e a constante metamorfose, nada pode ser mais revelador e eloquente nesse sentido.

“Deus no volante”: pronto, mas encostado. Me desinteressei por enquanto. [...] E arranjei uma namorada que é uma cachaça terrível. Explico-me bem, não? Seu Guilhermino, imagine que eu volto mais ou menos noivo! Já devia estar no Rio há mais de 2 meses. Vou ficando, vou ficando e a coisa está aqui ficando preta mesmo. [...] Estou ficando resumido, esquemático. Inda não posso avaliar bem o que pode sair daí um tiro na cabeça (si o amor também falhar) ou então, quem sabe, a paz, ficando vazio de todo.

O excerto retirado da missiva de Murilo, além de sintetizar e explicitar uma espécie de curvatura descendente de forte desinteresse no que tange ao universo metafísico (Deus e a linguagem, por exemplo), prescreve uma grande inclinação e um apego exacerbado ao sensual e ao mundano em detrimento do religioso. A ameaça ao equilíbrio da balança psíquica do missivista se agiganta *a priori* com tamanha força arrebatadora, que o peso de um dos lados se torna quase insuportável para a manutenção e a estabilização dos sentimentos e emoções. Se no plano poético muriliano o jogo e a tensão entre os opostos caracterizam um perfil de busca incessante pela conclusão e pela síntese, “as colunas da ordem e da desordem”, no universo prosaico e de aparente miudeza da missiva, a estrutura pendular se desestabiliza, a convergência dos elementos envolvidos se desarticula e há a perda do movimento de ida e volta e, não obstante, leve também a um remate (a morte ou o vazio), a partir do qual a conclusão se dá pela via unilateral da prevalência e não pela da conjunção.

2 Cartas e crítica

À época do chamado modernismo brasileiro, a carta fora um instrumento de suma importância para a articulação, a manutenção e a propagação de certos ideais que compunham as novas estéticas. Escritores consagrados, por exemplo, usavam o espaço reservado ao discurso epistolar para aconselhamentos, ponderações e sugestões críticas a escritores incipientes no âmbito das diretrizes básicas e salutares de um determinado gênero de escrita, ou ainda sobre uma visão filosófica a respeito da própria vida. Um exemplo mais que eloquente de correspondência que tinha por objetivo o aconselhamento e a doutrina, bem como apresentava apreensões críticas sobre determinadas obras são as cartas de Mário de Andrade. As missivas do célebre escritor paulista se caracterizam, entre outras coisas, pelo ensinamento e pela lição, embora o altar professoral no qual Mário era colocado pelos jovens escritores o incomodasse substancialmente. Conhecidas pelo espaço de heterogeneidade discursiva em que o elevado e o reles coexistiam harmoniosamente e também pela multiplicidade de interlocutores envolvidos, as cartas de Mário eram uma espécie de aval no qual muitos jovens escritores buscavam a própria autoafirmação, por meio das críticas que o escritor paulista lançava em relação aos textos dos aspirantes a escritor. Muitas das cartas de Mário se confundiam com profundos ensaios crítico-filosóficos sobre a estética da arte ou sobre o valor da própria vida.

Na carta a Augusto Meyer, por exemplo, datada de 16 de maio de 1932, Mário expõe uma crítica positiva em relação à poesia de Murilo, ao tratar do longo poema “Bumba meu poeta” (1932).

Bom, mas você tem razão em gostar do Murilo. Depois da publicação do livro, eu o sigo dia por dia quase, ele meio que turtuveou na orientação. Andou meio sem eira nem beira, fazendo poemas-piadas, aliás, o admirável sobre a batalha de Itararé foi desse tempo. Mas depois pegou força outra vez e está cada vez mais admirável. Temos agora dele prá R. N. um “Bumba meu poeta” simplesmente enorme, em que sátira, pagodeira, sensualidade e carícia se fundem numa harmonia inigualável, acho simplesmente enorme a coisa, digna dum Gil Vicente, no qual faz pensar, não pelas qualidades fundidas, mas pela forma de auto e pela força crítica de costumes. Tenho a impressão que é uma dessas coisas que já nascem clássicas. Está claro que não pro público. Aliás, você está reparando que a verdadeira arte poética, os verdadeiros poetas brasileiros, estão cada vez mais divorciados do público, mesmo culto brasileiro? A verdadeira poesia do Brasil contemporâneo é uma manifestação absolutamente de elite e isso é terrível. (ANDRADE, 1968, p. 102).

Mário de Andrade realmente já vinha dando cuidadosa atenção ao trabalho de Murilo Mendes desde a publicação do primeiro livro do poeta mineiro. No ensaio “A poesia em 1930”, por exemplo, Mário é taxativo ao afirmar que “Poemas” (1930) “historicamente é o

mais importante dos livros do ano”. Além disso, na carta a Augusto Meyer, o escritor paulista alude ao segundo livro de Murilo, “História do Brasil” (1932 Ariel), livro que deixou Murilo, segundo Mário, “meio sem eira nem beira, fazendo poemas-piadas”.

Não obstante a crítica de Mário de Andrade ao terceiro livro de Murilo, é com uma desmesurada euforia que o autor de “Macunaíma” sobreleva o valor de “Bumba meu poeta”, obra publicada em 1932 na Revista Nova, de Paulo Prado. Aliás, foi com semelhante discurso entusiástico que Mário recebera “Poemas”, o primeiro livro de Murilo.

É inconcebível a leveza, a elasticidade, a naturalidade com que o poeta passa do plano do corriqueiro pro da alucinação e os confunde. Essa naturalidade, essa coragem ignorante de si, no Brasil, só seria mesmo admissível no gavroche⁴ carioca. E de fato, Murilo Mendes, embora mineiro de nascença, é dono de todas as carioquices. E aqui lembro a contribuição nacional admirável dele. Impenetrável, visceral, inconfundível, há brasileirismo tão constante no livro dele, como em nenhum outro poeta do Brasil. Realmente este é o único livro brasileiro da poesia contemporânea que sinto impossível a um estrangeiro inventar. (ANDRADE, 1972, p. 43).

O envio e a permuta de textos artísticos ou críticos era, não obstante, uma prática recorrente entre os modernos, uma forma de avaliação da qualidade dos escritos e uma prática contumaz que grassava entre os intelectuais da época. Murilo Mendes fez das missivas um espaço de análise e opinião a respeito de obras de autores que despontavam no cenário artístico brasileiro. Vejamos, a título de exemplo, uma carta de Murilo enviada a Carlos Drummond de Andrade, datada de 18 de maio de 1930 – portanto concomitante à correspondência com Guilhermino Cesar – na qual Murilo faz uma breve análise do primeiro livro de Drummond. Por meio de um discurso entusiasta, Murilo explicita sua euforia em relação à obra do amigo, bem como deixa entrever uma tonalidade visionária e profética sobre a obra e o autor que vinham de fato a lume.

Rio, 18.5.30

Caro poeta Carlos Drummond

Recebi com atraso seu livro de poemas. Já conhecia alguns através de revistas e jornais, e desde muito tempo acho eles ótimos. Você é um dos poetas mais exatos de agora. Não digo do Brasil de agora, porque entendo que um poeta deve ser poeta em qualquer lugar do mundo. Você é dos tais que não pode deixar de ser poeta. Nem a pau. Em você é uma coisa congênita. Se lhe oferecessem a usina Ford, ou a presidência da República, com a condição de você largar a poesia, você não aceitava. E fazia muito bem. Porque só a poesia, a poesia total nos livra da contingência do tempo. (GUIMARÃES, 1993, p. 29).

⁴ Gavroche: substantivo que em francês diz respeito a travessuras e molecagem.

Também nas cartas a Guilhermino Cesar, Murilo Mendes não deixou de praticar uma espécie de modesta e incipiente atitude crítica em relação aos seus coetâneos modernos. Murilo não só discutia e fazia apontamentos reflexivos a respeito das revistas, livros e poesias que o próprio Guilhermino lhe enviava, mas também lançava certas análises acerca da poética de Mário de Andrade, Carlos Drummond, além, é claro, de fazer uma autocrítica a respeito de sua própria poesia. Na carta, por exemplo, de 8 de janeiro de 1931, Murilo Mendes, além de dar notícia de sua correspondência com Mário, fala de forma bastante afeiçoada sobre o “Remate de Males”, livro de poesias que Mário publicara em 1930. Chama ainda a atenção na carta de Murilo a exclusão de algumas preposições, fato que dá ao texto certo tom desarticulado de telegrafia ligeira.

Recebi “Remate Males” livro extraordinário propósito escrevi Mário Andrade dizendo: umas pessoas podiam mais apreciar este livro eu preocupações pesquisas parecidas. Elasticidade temperamento bruta qualidade livre peso tradição fim contas Deus que tem razão!!... Ele dispõe todas as coisas 350 milhões vezes 350. [...] Carta me escreveu propósito “Poemas” Mário Andrade diz não conhecer nem Europa poeta como eu jogue infinidade planos consiga ao mesmo tempo gavrochismo e apocalipse. Ele tem razão. [...]

Na análise da correspondência com a qual trabalhamos, fica evidente que além das cartas houve, por exemplo, a permuta de poemas, o envio de revistas, livros, artigos, e a produção de crítica literária. Essa troca de material fica muito clara, aliás, nas duas primeiras missivas do espólio de Murilo Mendes. Na primeira carta enviada a Guilhermino Cesar, datada de 26 de dezembro de 1928, Murilo informa:

Ao Guilhermino Cesar e ao Fco Peixoto

Chegando de Petrópolis onde fui passar alguns dias encontro na minha mesa o livro de vocês. Lhes agradeço a boa lembrança___ [...] Sinto não ter autoridade (aparente) pra lhes dizer alguma coisa___talvez mais tarde___em todo o caso. Acho que o problema brasileiro, integra-se no universal___essa é a grande tendência que anda agora no ar.

Nessa primeira carta de Murilo, fica muito claro o desejo de Guilhermino Cesar. O poeta e jornalista de Cataguases buscava a divulgação de seu livro, mas também a opinião e a crítica acerca de seu trabalho, por isso enviara a obra a Murilo. Podemos perceber também que a carta de Murilo Mendes fora enviada a dois interlocutores, isto é, Guilhermino Cesar e Francisco Inácio Peixoto, e não a um destinatário apenas, coisa que normalmente acontece na correspondência particular entre amigos. Levando-se em conta a data da carta de Murilo, bem como a alusão ao livro recebido e a seus autores, fica evidente um momento importante de

produção literária no cenário mineiro interiorano. Ademais, o trecho da missiva revela a parceria de Guilhermino e Francisco Inácio Peixoto na produção e na publicação do livro “Meia Pataca”, em 1928. O próprio Guilhermino fala sobre a sua amizade e a sociedade com Francisco Inácio Peixoto, na crônica publicada no jornal Correio do Povo em 31 de março de 1979:

Conheço-o há muito, quero dizer, desde sempre, pois junto dele cavouquei penosamente os “preparatórios”. Lemos o mesmo Racine, traduzimos o mesmo La Fontaine e o mesmíssimo Chateaubriand, fizemos composições escritas, deslavadamente sentimentais, sobre um passeio no campo, uma fazenda ao luar, uma procissão, um dia de chuva na cidade – coisas do gênero fastidioso, apropriadas no entanto à prática da sintaxe num tempo em que havia tal coisa no aprendizado do Português. E mais tarde, quando o buço nos chegou, tivemos a audácia de publicar em parceria, os poemas de Meia Pataca, dizem que modernistas, numa cidadezinha em que o soneto era uma hortaliça repolhudamente cultivada – com o adubo da rima rica e a consoante de apoio. (CESAR, 2008, p. 171).

A segunda carta de Murilo para Guilhermino, enviada do Rio de Janeiro e datada de 19 de junho de 1929, é mais um dos textos epistolares de feição crítica subreptícia e um tanto quanto modesta. Guilhermino Cesar tinha mandado para Murilo um exemplar de “Leite Criôlo”, revista literária criada em parceria com João Dornas Filho e Aquiles Vivacqua. Longe de ser uma inócua fraseologia de pouco alcance, as considerações críticas de Murilo acerca de “Leite Criôlo” vão ao encontro da necessária singularidade do discurso da própria revista. Murilo propunha a Guilhermino a busca pela diferença, o tom individual e próprio que o periódico poderia e deveria ter, sem, é claro, renegar um possível cabedal de influências nem desdenhar do diálogo com as tendências contemporâneas. Aliás, a constante e inescapável conversação, tanto com a poesia tradicional quanto com seus poetas hodiernos, sempre foram premissas básicas para Murilo Mendes. É por isso mesmo que, talvez, não seja um exagero afirmar que Murilo Mendes é o poeta brasileiro em cuja obra mais avulta um número significativo de intertextualidades possíveis. Dessa forma, segundo Murilo afirma ao seu amigo Guilhermino, agregar influências seria a garantia de êxito da própria arte, no sentido de formação ou reformulação da cultura como um todo.

Estou terrivelmente em falta com você. Pode crer que não tenho tempo pra nada. É um inferno. Recebi o leite Criôlo⁵. Acho que é uma tentativa digna de todas as palmas, mas me parece que vocês deviam dar uma feição mais pessoal à revista. Sem querer sente-se a Antropofagia ali. Não acho que se deva rejeitar influências (nem se pode) mas que se deve juntar várias experiências pra formar uma cultura ou ensaiar qualquer reforma. [...] Quando sai o segundo número?

⁵ Revista literária criada em 1929 por João Dornas Filho, Guilhermino Cesar e Aquiles Vivacqua.

Um dos traços mais característicos e sutis da personalidade de Murilo Mendes é, sem dúvida, a ironia. Desde a escrita das “Chronicas Mundanas”, o jovem Murilo já dispunha de enormes engenho e arte, no sentido de um traquejo singular no âmbito do sarcasmo e da troça de feições primorosas e delicadas, mas de essência perspicaz e ofensiva. Vejamos, no que diz respeito à ironia, a carta de 25 de fevereiro de 1931, na qual Murilo pede a Guilhermino a publicação de duas poesias suas: “Lampião às avessas” (poesia até hoje inédita) e “Homenagem ao gênio francês”, poesia publicada posteriormente no livro “História do Brasil”. Murilo aproveita o ensejo da conversa e faz uma crítica contundente à Academia Brasileira de Letras, ao colocar dentro do templo do vernáculo e da literatura brasileira nada menos que um bandido-assassino e um mero futebolista brasileiro da época.

Aí vão duas mercadorias de regular qualidade\$, grátis. Entretanto, previno-o que não são a 90 dias de prazo; mesmo porque, como já foi dito, são grátis. Rogo-lhe, pois, publicá-las logo que for possível. Me parece que têm oportunidade. Lampião⁶ e Santos Dumont⁷ estão em foco. Por sinal que o Lampião devia entrar também para a Academia___ele é um expoente. E o *Freundenreich*⁸, por exemplo, também.

Como podemos perceber, não só as crônicas do início dos anos vinte traziam sob a estampa do texto as formas jocosas e humorísticas de tonalidade zombeteira típicas da ironia. Nas cartas enviadas a Guilhermino Cesar, conforme exemplificado neste estudo, Murilo também faz uso desse tipo de estilística discursiva no sentido não só da crítica, mas também da provocação no que se refere a pessoas e instituições. Era a excelência do gavrochismo muriliano num jogo de aparente feição pueril, no qual a palavra era a munição para um franco-atirador de mira mais do que certa.

Referências

ANDRADE, Mário. **Aspectos da literatura brasileira**. 4. ed. São Paulo: Martins, 1972.

_____. **Mário de Andrade escreve: cartas a Alceu, Meyer e outros**. Col. e anotadas por Lygia Fernandes. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1968.

⁶ Lampião às avessas.

⁷ Homenagem ao gênio francês (HB – 172).

⁸ Futebolista brasileiro – Arthur *Freundenreich* (São Paulo, 18 de julho de 1892 – São Paulo, 06 de setembro de 1969).

ARAÚJO, Laís Corrêa de. **Murilo Mendes**: ensaio crítico, antologia, correspondência. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CESAR, Guilhermino. **Caderno de sábado**: páginas escolhidas. Caxias do Sul: EducS, 2008.

GUIMARÃES, Júlio Castanõn. **Territórios/conjunções**: poesia e prosa críticas de Murilo Mendes. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SILVA, Teresinha Vânia Zimbrão (Org). **Chronicas mundanas e outras crônicas**: as crônicas de Murilo Mendes. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2004.